

RESENHA

KARL MARX: GRANDEZA E ILUSÃO

São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 767 pp.

Recebido em 12/2018

Aprovado em 02/2019

Em 2018 comemorou-se os 200 anos de nascimento de Karl Marx, o mais influente pensador de todos os tempos. E sua história continua a desafiar muitos estudiosos, como Gareth Stedman Jones, que lançou, recentemente, a biografia *Karl Marx: Grandeza e Ilusão*.

A biografia é composta de doze capítulos, além de um prólogo e um epílogo. Absolutamente não é a “biografia definitiva de Marx para os nossos tempos” – frase estampada na capa do livro, extraída de uma crítica do *New York Times* –, mas ela tem seus méritos. Na obra, Jones pretendeu mostrar que a forma como Marx foi representado no discurso político seria bem diferente do verdadeiro Marx. “A figura que emergiu era a de um patriarca e legislador barbudo, severo e ameaçador, um pensador de implacável consistência, com uma imperiosa visão do futuro” (p. 25). Segundo o autor, esta imagem seria bastante equivocada. E para tentar provar isso, Jones buscou “restituir Marx ao seu ambiente no século XIX, antes de qualquer elaboração póstuma de seu caráter e de suas realizações” (*ibidem*).

Os primeiros capítulos tratam do círculo familiar de Marx. O autor recorda que o nascimento de Max esteve marcado pela reconstrução da Europa após trinta anos de destruição em razão da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, período no qual estima-se a morte de 5 milhões de europeus. Nesse ambiente, Jones narra a conversão do pai de Marx do judaísmo ao protestantismo, não traumática, já que esta não seria assim tão contrária às suas convicções, e tenta dar um ar de maior

MARCELO PEREIRA FERNANDES

Professor doutor em Economia pela UFF e vice-coordenador do curso de Ciências Econômicas da UFRRJ.

importância ao papel da mãe em sua evolução enquanto estudante. No terceiro capítulo, o autor explica o interesse de Marx por filosofia, sobretudo por Hegel.

O surgimento, nos anos 1830, dos jovens hegelianos, na esteira do livro *A vida de Jesus* de David Strauss, com sua crítica devastadora à religião, teria grande impacto em Marx. Bruno Bauer, que ganharia notoriedade com sua crítica à Bíblia, foi amigo e mentor de Marx entre os anos de 1839 e 1841, período em que ele escrevia sua tese de doutorado.

A demissão de Bauer da Universidade de Bonn em março de 1842 teria feito Marx perder as esperanças em seguir a carreira acadêmica. A alternativa seria, então, tentar o jornalismo, profissão que estava em alta na Alemanha. O jornal, *Rheinische Zeitung*, lançado no início de 1842, convidou um editor ilustre, o economista alemão Friedrich List, que não teria aceitado. Marx colaborou com o jornal pela primeira vez em maio de 1842 e, mais tarde, tornar-se-ia editor. Mas o jornal teve vida curta devido à censura e foi obrigado a encerrar suas atividades em 1º de abril de 1843.

Em fevereiro de 1844 Marx publicou, quase que inteiramente, o único número da revista *Anais Franco-Alemães*, trazendo um ensaio de Engels sobre economia política, o qual se tornou uma de suas primeiras inspirações nesse campo. Foi então, como lembra Jones, que Marx passou a

tomar notas sobre Smith, Sismondi, Ricardo, Buret, James Mill, Say entre outros, e preparou um esboço “daquilo que viria a ser a sua principal preocupação nos 25 anos seguintes, a ‘crítica da economia política’” (p. 183), que lhe forneceria a anatomia da sociedade civil. Segundo Jones, a leitura que Marx fazia das obras desses autores teria como objetivo, quase exclusivo, “a busca de provas de pauperização” (p. 200). Feuerbach teria um papel essencial neste momento, pois Marx faria uma estreita ligação entre a crítica da economia política e a crítica da religião de Feuerbach: como a alienação produziria a religião, a alienação produziria, também, a propriedade privada.

Jones considera o período que Marx passou em Bruxelas (1845-1848) como o momento em que ele passaria a ter uma visão própria, mais distante dos jovens hegelianos. Modificaria sua concepção de socialismo e do proletariado a partir de uma nova ideia do significado histórico do trabalho. Na visão do autor, o que teria inspirado Marx não foi um suposto materialismo, como teria feito crer Engels muito tempo depois, mas, sim, uma apropriação particular dos “pressupostos básicos do idealismo alemão” (p. 218) ao aplicar os *insights* do idealismo à compreensão do trabalho.

Em meados dos anos 1840 Marx já estaria dedicado a escrever uma crítica da economia política. A célebre desavença entre Marx e

Proudhon, que resultou no livro *A miséria da Filosofia*, de 1847, foi retratada na biografia como uma ambição menor de Marx. Segundo Jones, “A reputação de Karl em toda a comunidade alemã exilada baseava-se na promessa da crítica da economia política que ele não tardaria a produzir” (p. 241). Sobre o *Manifesto do Partido Comunista*, publicado um ano depois em parceria com Engels, o autor considera que o texto se originou da união dos dois *insights* mais originais de Marx nos anos 1840: o de que o homem não seria apenas produto da natureza, mas um ser que, com sua atividade, transformaria a sua natureza e a do mundo natural; e o segundo, o da emergência do capitalismo e suas relações com o mercado mundial. Com isso, Marx teria sido o primeiro a evocar os poderes do capitalismo e seu alcance internacional.

Em outro ponto que vale ressaltar, Jones sugere que Marx modificou sua crítica à concepção de luta de classes, que, segundo ele, teria recebido pouca atenção crítica. A visão inicial de Marx, exposta nos *Manuscritos Econômico-filosóficos*, em que afirmava a contradição do proletariado com a propriedade privada, mudaria a partir de 1845: ao invés da propriedade privada, agora seria a burguesia que travaria uma luta contra o proletariado, em um novo conceito do significado histórico do trabalho.

A partir do capítulo 10, Jones começa a tratar da crítica da economia política de Marx. Conforme

mostra Jones, a confecção de *O Capital* teve idas e vindas. O autor faz uma razoável descrição do primeiro livro, publicado em 1867. Jones lembra que os “elementos juntados para escorar sua primeira ‘crítica da economia política’ foram o resultado do encontro de Marx com “aqueles que influenciaram mais profundamente a sua formação filosófica: Hegel e Feuerbach”. Marx teria recorrido primeiramente a Hegel, mas corrigindo a forma “idealista de apresentação que faz tudo parecer uma questão de apresentação de conceitos” (p. 416). Em Feuerbach, Marx retomou a ideia de que, na religião, as emoções e os pensamentos humanos eram projetados em Deus ou em outros seres fictícios, “dotados de movimento e atuação independentes” (p. 419). Com o domínio do capital, algo análogo aconteceria com “a atuação humana”. Assim como na religião Deus tinha criado o homem, na vida econômica, os homens já não se enxergavam como os criadores das suas relações sociais, e sim como “criaturas de forças econômicas impessoais dotadas de vontade e poder independentes” (p. 420). O último capítulo do livro traz a visão de que Marx não terminou a obra porque se deparou com questões que não conseguira resolver. Questões como a lei de tendência à queda da taxa de lucro e a pergunta que os primeiros leitores se fizeram quanto ao desenvolvimento do capital, se este afetaria todos os países ou estaria circunscrito à Europa Ocidental.

De fato, a tentativa de detalhar o ambiente em que Marx atuava é um mérito do livro. Mas é justamente na crítica à economia política que a biografia explicita suas maiores falhas. Como, por exemplo, a teoria do valor. Jones acusa Marx de desdenhar dos avanços da economia política, e afirma que ele aceitou a ideia errônea, segundo Jones, de que somente o trabalho cria o valor. Como se a teoria do valor-trabalho tivesse sido superada!

Em algumas passagens, Jones buscou passar a noção de falta de honestidade intelectual de Marx. Como em relação à distinção fundamental entre trabalho e força de trabalho, que o autor afirmou que já estaria em Eugène Buret. Marx realmente estudou a obra de Buret, tendo-o citado diversas vezes nos *Manuscritos Económico-filosóficos*, mas não é possível tratar como plágio. A diferença entre trabalho e força de trabalho foi uma novidade apresentada no *Capital*. O trabalho é o uso da força de trabalho, que por sua vez é composta pelas aptidões físicas e intelectuais do trabalhador. Esta é vendida ao capitalista e antecede a produção. Marx, portanto, desfez a confusão entre os dois conceitos de que a economia política clássica não conseguiu se desvencilhar: em alguns contextos, o “valor do trabalho” referia-se ao salário; em outros, o valor produzido pelo trabalho. E ao fazê-lo, Marx explicou o mecanismo de criação e apropriação

do mais-valor, chegando aonde nenhum dos seus predecessores imaginou chegar.

Finalmente, um último comentário. Em várias passagens, Jones questiona a influência de Engels sobre a obra de Marx, em uma tentativa de separar aquilo que seria exclusivamente o pensamento de Engels. E que as principais divergências entre Marx e o “marxismo” seriam fruto de divergências com o amigo. Isso não é novo e foi recentemente discutido por José Paulo Netto (2015). No entanto, na biografia, Engels é tratado como um deturpador e bajulador, que conseguiu convencer Marx de sua amizade; e “sempre mostrava seu pior lado quando suspeitava que um rival quisesse dividir as atenções com Karl” (p. 434). O autor chega a insinuar que a dependência financeira para com Engels fez com que Marx convergisse suas ideias com as do amigo. Isso explicaria porque Marx concordou com a publicação do *Anti-Düring*.

Essa é uma visão questionável. Como se sabe, e o próprio Jones mostra isso, durante a vida Marx desfez amizades, criou atritos e inimigos a fim de defender seus pontos de vista. Por sua vez, a obra de Marx foi produto de um esforço conjunto. Antes mesmo de conhecer Engels pessoalmente, ele ficara muito impressionado com *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* e o ensaio *Contribuição à Crítica da Economia Política*, escritos pelo amigo. Assinaram juntamente *A Sagrada Família*, *A Ideologia Alemã* e

O Manifesto do Partido Comunista, clássicos da ciência. Logo, conforme Anderson (1999, p. 15), trata-se de “uma parceria intelectual sem paralelo na história do pensamento até hoje”. Engels continuou após a morte de Marx em contato com o movimento de trabalhadores em todo o mundo, estudando e publicando. É muito trabalho para um simples bajulador.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

NETTO, José Paulo. “Apresentação” In: ENGELS, Friedrich. *Anti-Düring*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.